

CONTRIBUINDO PARA UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Ieda L. W. Rockenbach

EMEF Prof. Vicente Ráo/Brasil

iedalu@ig.com.br

Márcia Scaramuzza

EMEF Prof. Vicente Ráo/Brasil

mscaramuzza@gmail.com

Resumo: O Projeto de Pesquisa “Trabalho Integrado na Escola Pública: participação político-pedagógica” incluiu o *Subprojeto Jogos da Amizade*, desenvolvido em escola pública, objetivando desenvolver ações no princípio do trabalho integrado para a construção de uma escola transformadora e democrática, assim como construir as relações interpessoais com base no diálogo e na perspectiva da gestão democrático-participativa. Após três anos de pesquisa verificou-se grande mudança nas relações social e profissional estabelecidas na escola, mais integrada e democrática e em constante transformação.

Palavras-chave: trabalho democrático; trabalho coletivo; cidadania; escola pública.

INTRODUÇÃO

Foi foco de pesquisa durante três anos, de 2006 até 2009, os Jogos da Amizade, evento esportivo, anual e tradicional na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Vicente Ráo (6 a 14 anos), na cidade de Campinas, SP - Brasil, denominado Subprojeto Jogos da Amizade, tendo por objetivos trabalhar a interdisciplinaridade entre os diferentes componentes curriculares; integrar os diferentes profissionais (equipe gestora, professores, equipe de apoio, equipe administrativa) promovendo o trabalho coletivo na unidade escolar; promover a cidadania por meio da participação dos alunos e pais em atividades que envolveram o convívio social e político.

Relataremos as ações desenvolvidas, as transformações ocorridas e os resultados obtidos no projeto de pesquisa, sendo este financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As coordenadoras do projeto de pesquisa foram as professoras Ieda Lúcia Rockenbach e Márcia Scaramuzza, atuantes no subprojeto durante todo caminho percorrido, sendo efetivas na escola na disciplina de educação física.

Será apresentado, também, um breve histórico da organização dos Jogos da Amizade na escola antes do desenvolvimento do projeto de pesquisa, bem como algumas reflexões sobre as mudanças ocorridas na prática docente das professoras coordenadoras, dos demais

docentes da unidade escolar; a construção do trabalho coletivo e a mudança de atitude dos alunos, especialmente relacionada à nova forma de organização dos Jogos da Amizade, o que proporcionou o aprendizado e exercício da democracia.

Com a inclusão dos Jogos da Amizade no Projeto Político Pedagógico da Escola e nos Planos de Ensino dos diferentes componentes curriculares, passou-se a desenvolver a interdisciplinaridade, imbricando conteúdos e saberes relacionados com este evento. Houve a democratização das decisões e das ações mediante a Comissão Organizadora dos Jogos da Amizade (COJA) e da Comissão de Abertura e Encerramento dos Jogos da Amizade (CAEJA), em que as decisões a respeito dos JA passaram a ser tomadas por representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, possibilitando a viabilização do “encontro de diferentes olhares” e “a tomar decisões em conjunto” (GANZELI *et al.*, p. 2).

A metodologia escolhida foi a pesquisa-ação (Morin, 2004) que propõe a prática permanente da reflexão sobre a ação, sendo os professores os próprios pesquisadores. Os procedimentos de pesquisa foram *reuniões gerais* semanais, *estudos teóricos* e *avaliação* constante do trajeto percorrido, além das *reuniões específicas* dos subprojetos e produção de *relatórios* mensais e anuais.

Foram realizadas no tempo decorrido da pesquisa 114 reuniões gerais semanais com os 17 professores-pesquisadores, proporcionando diversos estudos coletivos de bibliografia selecionada, planejamento, análise e reflexão das ações, assim como avaliação constante destas; e 62 reuniões específicas do subprojeto com funções semelhantes às reuniões gerais.

HISTÓRICO: DE INTERCLASSES PARA JOGOS DA AMIZADE

Os Jogos Interclasses tiveram início em meados da década de 1990, em que cada professor de educação física realizava jogos esportivos com seus alunos sem integração entre si. A falta de integração resultou na reivindicação dos alunos para que houvesse a realização de jogos entre as mesmas séries.

Desta forma, no ano de 1995 os Jogos Interclasses passaram a ser realizados entre alunos da mesma série, contendo jogos lúdicos para os alunos da 1ª até 4ª séries e jogos esportivos para os alunos da 5ª até 8ª séries, havendo premiação na forma de medalha para os primeiros lugares de cada série.

Os jogos esportivos tinham como capitães dos times os alunos escolhidos pela própria classe, os que geralmente eram os mais habilidosos e capazes nos esportes, designados como “capitães”. Estes, por sua vez, escolhiam para seus times os que também se sobressaíam nos esportes, excluindo aqueles que pouco contribuíam para a classificação final da equipe. Esta

organização gerava descontentamento dos alunos e posteriormente dos pais, que passaram a manifestar à gestão escolar sua desaprovação. Apesar da manifestação dos pais neste momento, a presença destes na solenidade de abertura e encerramento era pequena.

A configuração que apresentavam os jogos, na forma de disputa entre as classes, gerava ofensas verbais e até mesmo físicas entre alguns alunos, dentro e fora da escola, o que nos preocupava, resultando em normas mais rígidas no contexto de regras dos JA, no intuito de evitar estes acontecimentos desagradáveis.

Após avaliação da equipe gestora e de alguns representantes de pais de alunos em reuniões de Conselho de Escola, percebeu-se a necessidade de se conceber os jogos dentro de uma linha menos excludente e mais relacionada com os objetivos do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que, naquela ocasião, visava promover o convívio social saudável entre todos os envolvidos.

Neste sentido, veio ao encontro de nossos anseios, no início do ano de 2005, o convite pela gestão escolar para participarmos de um projeto de pesquisa que seria financiado pela FAPESP, tendo os Jogos Interclasses como objeto da pesquisa, por ser um evento tradicional na comunidade escolar e por apresentar uma problemática a ser solucionada.

Na busca de soluções, em nossas reflexões para a elaboração do projeto de pesquisa a ser encaminhado à FAPESP, alteramos o nome do evento para Jogos da Amizade e a forma de composição dos times; antes formados pelos capitães, passou a ser por sorteio, tendo esta ação aprovação dos professores em reunião de planejamento no início do ano letivo de 2005.

Com a mudança posta, todos os alunos se inscreviam nas modalidades que queriam participar, e desta forma, aqueles que não tinham tanta habilidade nos esportes, puderam participar dos jogos. A alteração do nome veio ao encontro das idéias defendidas por nós coordenadoras do JA, em consonância com a percepção do Conselho de Escola, em envolver toda a comunidade educativa no evento, evocando harmonia e amizade entre todos. Rodrigues (2008) afirma: “que a escola seja ‘para cada um’ (no sentido de responder capazmente às necessidades de cada aluno), mas também ‘para todos’ (no sentido de não rejeitar o acolhimento a qualquer aluno)” (p. 34, grifo do autor). Neste sentido, pretendíamos que a integração fosse para “cada um” e igualmente “para todos” os alunos participantes dos JA..

Verificamos a repercussão das primeiras mudanças nos jogos: a alteração do nome foi bem aceita pelos alunos, entretanto a nova formação das equipes desencadeou um novo problema. Os alunos com maior capacidade técnica nos esportes, ainda com o espírito competitivo a florado, demonstraram resistência diante da possibilidade de ficar de fora do time titular para dar lugar a um colega não habilidoso no esporte. Isto os levou a montarem

estratégias a fim de que os que antes eram excluídos continuassem nesta situação, intimidando-os a faltarem no dia do jogo, ou alegarem estar machucados e, portanto, impossibilitados de jogar, viabilizando a entrada dos jogadores habilitados que estavam como reservas.

Mesmo percebendo a estratégia usada por estes alunos, não tínhamos idéia de como solucionar esta questão, pois nos surpreendemos diante de tal comportamento inusitado. Pensávamos que o sorteio promoveria a igualdade na composição dos times, no entanto uma nova situação se apresentou, e nesta, também, precisaríamos encontrar solução apropriada a fim de não retrocedermos ao ponto inicial de nossa preocupação, a exclusão.

Os Jogos da Amizade eram organizados e realizados pelos professores de educação física, da abertura ao encerramento. A gestão era comunicada da programação previamente elaborada, pouco se discutia sobre os jogos que se desenvolviam durante a semana, a não ser se acontecesse algum desentendimento grave entre alunos. Havia pouco envolvimento dos demais professores e dos funcionários de apoio. Ocorria um distanciamento dos professores durante o evento JA, muitos permaneciam na sala de professores alheios às atividades que estavam acontecendo. Esta era outra questão que nos incomodava, faziam-se necessárias ações para envolver todos os professores com o evento.

Para elaborar o projeto de pesquisa pautamo-nos metodologicamente na Pesquisa-ação (MORIN, 2004), relacionada à prática pedagógica, cujos pesquisadores são os próprios educadores, o que nos permitiu construir teorias e estratégias que emergiram do nosso campo de atuação. As relações entre teoria e prática e entre pesquisa e ação foram constantes, proporcionando a transformação que pretendíamos. Morin (2004) descreve:

O termo pesquisa-ação designa em geral um método utilizado com vistas a uma estratégia e requerendo a participação dos atores [...] a pesquisa-ação com objetivo emancipatório e transformador do discurso, nas condutas e nas relações sociais [...]. A palavra “ação” define a pesquisa-ação [...] trata-se de uma ação vinculada a uma pesquisa e não a qualquer ação cotidiana sem relação com uma vontade de intervenção, de melhoria e de enriquecimento do conhecimento ou de soluções de problemas (pp. 55, 56 e 80, grifo do autor).

Acreditamos ter sido a melhor opção metodológica, por se tratar de um contexto tão dinâmico e complexo como a escola. Refletir de forma sistematizada e contínua a própria prática nas reuniões gerais, no subprojeto e individualmente foi um aprendizado decorrente da pesquisa-ação.

O diálogo desencadeado pela metodologia da pesquisa-ação ratificou nossa vontade de envolver a todos da comunidade educativa no evento, porém, ainda que a efetivação e a

organização dos JA fossem realizadas de comum acordo pelos professores de educação física, estes desenvolviam um trabalho individual. Os objetivos da área eram poucos discutidos e havia diálogo insuficiente para realização de um trabalho pedagógico mais integrado.

JOGOS DA AMIZADE: RESULTADO DE UMA ESCOLA TRANSFORMADORA E DEMOCRÁTICA

A concretização para realizarmos, efetivamente, um trabalho mais integrado veio com a aprovação do projeto de pesquisa em agosto de 2006, um ano após ser encaminhado para a FAPESP, dando-nos maior segurança para colocarmos em prática as ações planejadas e atingirmos os objetivos do Subprojeto JA. Entretanto, neste período de espera pela aprovação, demos continuidade ao cronograma elaborado, realizando a organização dos times novamente por sorteio, apesar das dificuldades encontradas no ano de 2005, em relação às estratégias utilizadas pelos alunos mais habilidosos para participarem de todos os jogos. Nossa angústia permaneceu e constatamos que o diálogo teria que ser intensificado, no sentido de conscientizar os alunos sobre o objetivo dos Jogos, de integrar e não excluir.

Na perspectiva de transformar o JA num evento “de toda a escola”, após discussões e reflexões nas reuniões gerais, sentimos que se fazia necessário ouvir todos os envolvidos no evento. Neste sentido, nós do Subprojeto JA, elaboramos e aplicamos instrumentos avaliativos para todos os segmentos da comunidade escolar: alunos, professores, pais, funcionários de apoio e estagiários graduandos em educação física, que atuaram como árbitros e mesários, com o intuito de verificarmos como o evento era visto e como gostariam que fossem os jogos.

Realizamos, também, uma avaliação na forma oral, em reunião geral com o grupo de professores-pesquisadores. Nesta, procuramos considerar os pontos que nos inquietavam, tais como a situação recorrente dos alunos que intimidavam os menos habilidosos para não jogar; outro ponto avaliado foi de uma determinada classe que chegou a subornar o juiz para arbitrar em favor do seu time; a questão do descontentamento dos alunos que não foram premiados por não serem classificados em primeiro lugar e principalmente discutimos a possibilidade da formação de uma comissão de alunos para colaborar na organização dos jogos.

Na busca de ações que viabilizassem transformações em nossa escola, vários autores foram estudados pelos professores-pesquisadores, com debates e discussões nas reuniões gerais. Um texto estudado no final de 2006, que cabe ser ressaltado, foi Barroso (2000), pois nos levou a uma profunda reflexão quanto às decisões dos JA, e a constatação de que as

mesmas eram unilaterais. Ele diz da autonomia: “Ela é um conceito construído social e politicamente pela *interação dos diferentes autores organizacionais*, numa determinada escola” (p.17, grifo nosso). Percebemos que as ações eram decididas prioritariamente pelos professores da área, no entanto uma escola que constrói sua autonomia tem suas decisões vindas de diferentes vozes. A partir destas reflexões em reunião geral e dos resultados dos instrumentos avaliativos iniciaram-se as maiores mudanças quanto à organização dos jogos.

Visando envolver todos os profissionais da escola com o evento, no início do ano de 2007 socializamos os resultados das avaliações escritas aos professores, gestores e funcionários em reunião de Planejamento Pedagógico, havendo anuência para que os JA fossem incorporados aos Planos de Ensino de cada componente curricular. Também foi aberto espaço para discussões a respeito do JA com todos os professores em reuniões de Trabalho Docente Coletivo (TDC), que eram reuniões semanais com o corpo docente para discussões pedagógicas. Estas discussões foram voltadas para os conteúdos a serem desenvolvidos em cada área, contemplando os jogos. Foi o primeiro passo para integrar todos os educadores com os JA e iniciarmos o trabalho interdisciplinar, nos respaldando no que descreve Fazenda: “interdisciplinaridade é arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem traçado e flexível” (1994, p.29). Na busca da interdisciplinaridade, que é o “tecido bem trançado”, sabíamos que deveria ocorrer o encontro entre os indivíduos e haver muito diálogo, princípios da democracia, assim como o apoio da equipe de gestão.

Neste sentido, Vasconcelos (2002) diz que “a grande tarefa da direção, numa perspectiva democrática, **é fazer a escola funcionar pautada num projeto coletivo**” (p.61, grifo do autor). Apresentar os resultados dos JA na reunião de planejamento, incluir o evento nos Planos de Ensino e ter espaço para discussão nas reuniões semanais com o corpo docente, abriu espaço para os professores participarem da organização e decisões dos JA, passando a ser também uma atividade deles, não somente da educação física, fazendo com que o evento, já inserido em 2005 no Projeto Político Pedagógico, fosse de fato uma construção coletiva.

Estas conquistas, somadas às reflexões desencadeadas no final de 2006, quanto à constituição de uma comissão de alunos para os JA, desenvolveram-se em ações mais ousadas no início de 2007. E estas vieram da necessidade de termos uma escola com princípios voltados para a transformação, autonomia e democracia; para isto precisaríamos ampliar a participação da comunidade escolar nas decisões. Assim, em reunião geral com os pesquisadores, decidimos formar uma comissão deliberativa para os JA e convidar a todos da comunidade educativa para desta comissão participar. Rovira (2000) confirmou nossa decisão

ao afirmar: “Las asambleas de clase son um elemento esencial em uma escuela democrática y um instrumento insustituible de la educación em valores” (p. 64).¹

O autor aponta a necessidade das “asambleas de clase” para formação de uma escola democrática. Seguindo a convicção do autor, que se tornou também a nossa, instituimos a Comissão Organizadora dos Jogos da Amizade – COJA.

Rovira continua:

Las asambleas son el momento institucional del diálogo: um espacio que la escuela destina de manera exclusiva a fomentar la participación por médio de la palabra. Durante las asambleas la clase se reúne para reflexionar sobre si misma, para tomar conciencia de si mesma y para transformarse em todo aquello que sus miembros consideren oportuno (p.64-65).²

Neste sentido, de termos um espaço para o diálogo, a reflexão coletiva e a transformação, todos os segmentos da comunidade escolar foram convidados a participar. Com uma escola de 850 alunos, a média de participação dos diferentes segmentos da escola na comissão no ano de seu início, 2007, foi de 16 pessoas; no ano seguinte, 2008, a média foi de 12 pessoas; e em 2009 a média foi de 26 pessoas, mostrando que neste último ano de pesquisa houve maior conscientização da necessidade de envolvimento em atividades que estão diretamente relacionadas ao espaço público que lhe é próximo, não relegando as decisões para outras instâncias. As reuniões eram mensais: inicialmente, apresentavam-se os resultados dos instrumentos avaliativos, para que as decisões a serem tomadas fossem pautadas nos anseios e sugestões apurados mediante estes instrumentos; depois, as reuniões eram voltadas para a organização dos jogos por meio de diálogo, resultando nas deliberações decorrentes das reflexões e a última reunião do ano era reservada para avaliação do processo percorrido. Sendo uma instituição de diálogo, foi um marco de mudança na história dos JA e da escola.

Dentre as várias decisões tomadas por esta comissão, ressaltamos a nova forma de organização das equipes em quatro cores. Cada classe de alunos foi dividida em quatro, sendo que cada equipe ficou constituída por alunos da 1ª até 8ª séries, possibilitando maior integração entre os alunos das classes e faixas etárias diferentes. Os professores foram divididos, por sorteio, entre as quatro equipes. A COJA decidiu que deveria premiar todos os alunos participantes, independente da classificação final nos jogos. Foi deliberada a criação de um concurso anual para escolha do logotipo dos JA, tendo o desenho vencedor estampado no convite a ser enviado para toda comunidade escolar. Outra decisão importante foi a formação da Comissão de Abertura dos JA constituída por quatro professores de diferentes

componentes curriculares, que coordenaram apresentações artísticas dos alunos de cada equipe, sempre relacionadas ao tema gerador do PPP. A formação da COJA e da Comissão de Abertura concretizou a tomada de decisões a partir do diálogo, contemplando uma das características do texto construído pelo grupo de professores-pesquisadores sobre o Trabalho Integrado na Escola Pública, como segue:

O diálogo deve ser compreendido, no âmbito do trabalho integrado, como possibilidade de escuta, fala, interação e reflexão individual e coletiva. A partir dele, os sujeitos, por meio de relações horizontais, podem tomar decisões em conjunto de forma que cada um sinta-se respeitado e promotor de mudanças na construção de uma outra escola pública [...] (GANZELI, *et al*, 2008. p.2).

Segundo Ganzeli, as decisões em conjunto “na construção de uma outra escola pública” fortaleceram as ações, indo na contra-mão dos que permaneceram resistentes às transformações que estavam ocorrendo. A COJA, como colegiado com representações de todos os segmentos da escola, fortalecia-se ao promover as mudanças que integravam cada vez mais as ações pedagógicas no cotidiano escolar.

O ano seguinte, 2008, foi marcado pela ratificação e ampliação das ações desenvolvidas em 2007, como mostradas na Reunião de Planejamento no início do ano, quando vários professores expressaram haver maior integração e envolvimento por parte de todos.

O envolvimento dos professores, especificamente, se intensificou também nas discussões sobre os JA nas reuniões semanais de Trabalho Docente Pedagógico, favorecendo o trabalho interdisciplinar, ao analisarem seus planos de ensino. Sugestões foram dadas sobre como integrar os JA em suas aulas e de que forma poderiam desenvolver este trabalho com outras disciplinas, questão na qual demonstravam dificuldades. Este processo foi um grande avanço em relação ao trabalho interdisciplinar, mais uma vez nos reportando à Fazenda (1994): “[...] executar uma tarefa interdisciplinar pressupõe, antes de mais nada, um ato de perceber-se interdisciplinar” (p.77). Tal percepção foi construída, como já assinalado, por meio do diálogo constante.

A organização dos JA em 2008 seguiu na mesma direção do ano de 2007, mediante decisão da COJA em manter a divisão das equipes por cores, sempre considerando os resultados das avaliações dos JA do ano anterior, e estender a responsabilidade da Comissão de Abertura para o encerramento, ampliando suas ações, vindo denominar-se Comissão de Abertura e Encerramento dos Jogos da Amizade – CAEJA. Também se ampliou a quantidade de envolvidos nesta organização, de quatro professores no ano anterior, para seis professores,

mais a orientadora pedagógica como coordenadora geral. A escolha das cores e dos temas das apresentações pedagógicas/artísticas foram relacionadas ao tema gerador do PPP, demonstrando que esta prática se consolidava na escola. Cada equipe preparou apresentações artísticas com jingles e a criação de mascotes. Neste ano houve um envolvimento maior nos JA não apenas pelos professores, mas também dos pais dos alunos. Houve maior integração entre os alunos, diminuindo significativamente as intrigas e rivalidade. A nova concepção dos Jogos da Amizade, como o nome sugeria, fora incorporada.

Todo este processo em busca do trabalho integrado e democrático na escola foi viabilizado e construído juntamente com a equipe gestora. Destacamos que, como ponto de partida para este trabalho, há de se garantir espaços de participação individual e coletiva, no qual os participantes tomem decisões em conjunto, a partir do diálogo, como descreve Dutra:

“Na medida em que eliminamos as práticas autoritárias, garantindo que dentro da escola haja espaços de participação individual e coletiva, que as decisões sejam tomadas pela ampla maioria, que se conviva de forma solidária com e nas diferenças, e que estas não sejam a razão da discórdia, mas o ponto de avanço para todos, estaremos gestando uma nova consciência social.” (DUTRA. 2003, p.14).

A participação coletiva neste ano se expandiu na escola também pelo aumento de professores envolvidos no concurso para escolha do logotipo dos JA, e de maior quantidade de alunos apresentando desenhos para concurso do logotipo, integrados aos JA com o tema-gerador, que foi “Brasil e suas diversidades”.

ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS COM A COJA E CAEJA

A nova formatação das equipes nos JA proporcionou perceptível diminuição das agressões verbais e nenhuma ocorrência de agressão física. Durante o caminhar da pesquisa os alunos passaram a compreender a proposta da COJA ao dividir a escola em quatro grandes equipes, que era oportunizar integração entre seus pares e com os professores. A presença dos pais na abertura e encerramento, que diminuía a cada ano, teve considerável aumento a partir de 2007 com a constituição da COJA. Apontamos a presença de 113 pais no ano de 2006 para 404 pais em 2007.

Os alunos participantes da COJA aprenderam “a arte” do diálogo, da argumentação, da importância de se envolver e atuar em atividades sócio-políticas para o bem-comum e que o exercício da democracia é um direito para todos.

A partir das ações do Subprojeto JA, em integração com a equipe de gestão, COJA e CAEJA, o trabalho coletivo democrático passou a ser realidade no cotidiano da escola. O

PPP, que antes era redigido coletivamente nas reuniões de planejamento, mas não efetivamente posto em prática pela ampla maioria, passou também a ter suas ações elaboradas e vivenciadas por maior número de professores, inclusive nas reuniões de TDC.

A formação da COJA fortaleceu o trabalho coletivo, reunindo todos os segmentos da escola. Por meio desta comissão as decisões dos JA passaram a ser tomadas por representantes que compõem a vida escolar, transformando seu cotidiano, tornando as ações pedagógicas mais integradas e coletivas.

Seguiu-se a exemplo da COJA, a Comissão de Abertura, e posteriormente de Encerramento, formada por professores que foram responsáveis pelas apresentações artísticas dos alunos na abertura e encerramento dos JA.

Outras comissões, com interesses diversificados, foram constituídas na escola, inspiradas nas comissões dos JA, COJA e CAEJA, como o “Conselhinho”, comissão constituída por alunos de todas as classes com o intuito de resolver impasses e dificuldades do cotidiano da sala de aula. Quanto à organização dos trabalhos pedagógicos e eventos da escola, citamos a formação da Comissão da Festa Junina, evento tradicional na escola que reúne a comunidade escolar. Outro exemplo foi a Comissão da Escola Aberta, evento com objetivo de apresentar os trabalhos produzidos pelos alunos durante o ano letivo.

Roman descreve que (1999), “À medida que a autonomia da escola cresce, deve crescer também a participação da comunidade em sua gestão” (p. 6), tomamos a COJA como exemplo, que possibilitou aos participantes da comunidade escolar mais autonomia nas ações que envolviam a tomada de decisões coletivas, permeando, por fim, as decisões da gestão escolar.

CONCLUSÃO

Há ainda caminhos a percorrer para consolidação do trabalho coletivo e democrático na EMEF Professor Vicente Ráo, porém, como diz Cortesão (2004), “O caminho não está feito, faz-se o caminho ao andar” (p.247), isto é, enquanto estivermos caminhando, estaremos abrindo, descobrindo e fazendo novos caminhos, talvez nunca antes pisados.

O desenvolvimento do Subprojeto Jogos da Amizade proporcionou uma transformação significativa, passando de uma escola em que muitos professores eram resistentes ao trabalho integrado, para outra mais acessível, com a maioria do corpo docente, e os demais segmentos da escola, abertos ao diálogo, elemento indispensável na construção de uma sólida cultura democrática com vistas ao exercício pleno da cidadania.

NOTAS

¹ Tradução: As assembléias de classe são um elemento essencial em uma escola democrática e um instrumento insubstituível da educação de valores (tradução nossa).

² Tradução: As assembléias são o momento institucional de diálogo: um espaço que a escola destina de maneira exclusiva para promover a participação por meio da palavra. Durante as assembléias o grupo se reúne para refletir sobre si mesmo, para tomar consciência de si e para transformar-se em tudo aquilo que seus membros considerem oportuno (tradução nossa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, João. “O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar em Portugal”. In: FERREIRA, Naura S. C. (org.) **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez. 2000.

CORTESÃO, Luisa. O arco-iris e o fio da navalha. In: Geraldi, Corinta M. G.; Riolfi, Claudia R.; Garcia, Maria de Fátima (orgs). **Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DUTRA, Denise Ferrari. “O Princípio da Gestão Democrática no Espaço Escolar” in: _____. *Revista Espaços da Escola* Universidade de Ijuí –v.13, n.49 (jul/set) 2003.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Revisão histórico-crítica dos estudos sobre interdisciplinaridade**. In: _____. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GANZELI, Pedro *et al.* **Trabalho Integrado na Escola Pública: Características Básicas**. Campinas, SP: FE/Unicamp, 2008.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropologia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RODRIGUES, David. Questões preliminares sobre o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva. In: *Inclusão: Revista Educação Especial*. Brasília, v.4, n.1, p.33-40, jan./jun. 2008.

ROMAN, Marcelo Domingues. Neoliberalismo, política educacional e ideologia: as ilusões da neutralidade da pedagogia como técnica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999.

ROVIRA, Josep Ma Puig. **¿Como hacer escuelas democráticas?** Educação e Pesquisa. São Paulo. v. 26, n. 2, p. 55-69, jul/dez. 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Liberdade, 2003.